

FATIAS

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

— Mãe, o Caco já viajou?

— Não, o ônibus sai às dez e quinze. Por que?

— Você tá com olho de quem chorou...

— Desta vez é sabão de banho mesmo... Mas eu não vou chorar desta vez. O Caco vai só pro fim de semana, e além do mais ele tá tão alegre, tá indo prá festa...

Mesmo assim eu choro. Quando vejo o ônibus se movimentar e na janela a carinha do meu caçula de 14 anos, meio criança-meio homem, metade feliz e metade ansioso por estar saindo de viagem pela primeira vez sozinho, eu penso: eu passo a minha vida inteira a me despedir das pessoas, e de cada vez que me despeço, um pedaço de mim vai junto. Ontem foi a Lia, que eu fui levar na rodoviária, foi para São Paulo fazer um curso de fim de semana. Imaginem, a minha filha mais velha já é adulta suficiente para sair de Belo Horizonte sozinha para fins de semana! Eu já tinha sentido ontem à noite aquela dorzinha aguda de mutilação. É um pedaço meu sim que se vai com ela, Lia como criatura é um pedaço de mim, saiu de minhas entranhas, eu lhe dei a vida assim como ao mesmo tempo lhe dei a dádiva da morte, e hoje ela é uma pessoa separada de mim, tem a sua vida, e mesmo assim cada vez que se vai leva um pedaço meu.

Ao ver o ônibus de Caco virar a esquina, imagino que pedaço de mim terá ido quando me despedi de meu pai. As

duas lágrimas que eu teimo em segurar desde que sorrira para Caco através do vidro da janela borbulham e escorrem. Passo a mão pelo rosto decididamente, e me encaminho para o estacionamento, tentando não pensar no meu pai.

Num gesto automático faço como Ciça assim que entra no carro: ligo o rádio. Numa emissora os ACDC ou os QUEEN, sei lá quem, batalham um rock da pesada. Sorrio pensando no Caco com suas fitas malucas. Ele pega meu rádio toca-fitas e entra para seu banho com o som na maior altura, enquanto bate com os punhos na parede acompanhando o ritmo, e às vezes solta a voz acompanhando o vocalista. Como esse som não é o meu preferido, rodo o dial e acho a rádio Alvorada, de músicas mais românticas. A princípio tocam «Yesteryou, Yesterme, yesterday», do Steve Wonder, e fico me lembrando de uma temporada na praia, quando esta música está no auge, e o alto-falante do barzinho atrás do hotel toca uma meia dúzia de vezes por dia. Bons tempos, penso, e no mesmo momento percebo como tudo o que passou vem a ser lembrado com saudade. Só que não passou. Está aqui comigo, agora, ao ouvir o Steve Wonder, as duas meninas tão bonitinhas de cabelo amarrado de fita, e o Caco tão pequeno que ainda usa fraldas. Tenho de ir à cozinha do hotel toda noite depois do jantar fazer as mamadeiras dele. Como eu sou rica, tenho minhas filhas moças e meu filho adolescente, e os tenho também pequenos, agarrados, meus! Tenho? Lia em São Paulo, levou um pedaço meu, não estarei inteira enquanto ela não voltar, Caco indo para Brasília com outro pedaço, será que poderei unir essas fatias num inteiro novamente? A rádio, numa onda de saudosismo, passa a tocar «Again», na voz de Gordon Jenkins, coisa que eu não escuto há anos, e o choque do som se junta aos meus impulsos intimistas e mais duas lágrimas brotam de meus olhos. A música me lembra Francisco, pois uma vez cantei toda a canção para ele no telefone, pensando que cantava para Márcia. Ela tinha passado o fone para o ouvido dele, só fiquei sabendo depois. Me enchi de vergonha, falei que não queria vê-lo nunca mais, depois fiquei feliz, pelo menos ele tinha me

escutado até o fim. Tento segurar as lágrimas, mas elas escorrem grossas quando lembro a morte do Professor, pai de Márcia; quantas despedidas no seu enterro! Márcia, como era de seu feitio, nada dizia. Ficou ali, sentada num canto, o marido sentado de um lado tocando-lhe o braço com a mão, dando um consolo sem palavras. Eu sentada do outro lado, na posição privilegiada de maior amiga. Chorava tanto que algumas pessoas me davam também os pêsames, e uma senhora perguntou à mãe se eu era parente próxima, pois ela sabia que filha eu não era, já que o Professor só tivera uma filha e os três rapazes.

Por que eu chorei tanto pelo Professor? Eu gostava dele, mas meio à distância, mais respeitava do que gostava, ele falava grosso e tinha uma barba branca que mantinha à distância tanto os filhos quanto os de fora. Não, não era só por ele que eu chorava. Eu estava me despedindo de uma parte de mim que até aquele momento eu não me dera conta. Me despedia das minhas ilusões de mocinha, da esperança de ter sido sua nora algum dia, depusitei junto ao seu paixão aquele pedaço de mim que tinha sido a moça alegre e conversante, sonhadora e apaixonada. Via Francisco pela primeira vez depois de tantos anos, triste, amargo, desiludido, mal-casado. Pela enésima vez me perguntei o que tinha acontecido com o nosso amor e mais uma vez me despedi do Professor, de Francisco e daquele pedaço de mim mesma. Eu esperava Ciça, minha segunda filha, e as pessoas se preocupavam com o meu choro, e o mal que poderia trazer à gravidez. Pensei estar fazendo papel de idiota, engoli os soluços, me calei. Até hoje sou muito chorona. Mas como fui sempre muito tímida, ou reprimida, não sei que nome dar a isso, nunca chorava na frente de outras pessoas, nem mesmo de mamãe ou papai. Sempre no banheiro, ou debruçada no travesseiro, abafando os soluços. Mas o choro é natural em velórios e é aí que eu sempre me desabafo. Sei que chorei muito no do meu pai. Sem escândalos. Silencioso. Num canto. Não me debrucei no caixão desesperada. Me lembro de passar a mão na mão dele e sentir um carocinho em cima do dedo médio que

diversas vezes tinha lhe pedido para mandar um médico ver. E ele dizia: «Bobagem, vou morrer com ele». E morreu. Era um carocinho inocente e ficou com ele. E eu passava o dedo pra lá e pra cá, e pensava Pai, pra quem é que eu vou perguntar as coisas agora? quem é que vai passar a mão na minha cabeça e me chamar de minha gatinha? Não quero pensar nisso agora, e viro o dial do rádio à procura do rock barulhento. Esse pedaço de mim que se foi com meu pai deixou uma ferida aberta que não quer cicatrizar. Não sei como vou preencher esse buraco que ficou quando arrancaram esse pedaço que foi com ele.

Já era a dor do arrancar esse pedaço que eu sentia quando chorei tanto na morte do Tio Lito. Ele era na verdade um tio muito querido, muito próximo, os primos eram grandes amigos, tanto que se ligaram mais ainda a meu pai depois da morte do tio. Era um tio alegre, contador de estórias mil das suas viagens pelo interior de Minas, onde tinha pulado de cidade em cidade tentando nova sorte, inventando novos meios de ganhar a vida, de vendedor de botões a coletor federal, passando por lanterinha de cinema e empresário de imóveis. Morreu sem ter nada de seu registrado em cartório, mas deixando muito de seu na memória dos sobrinhos, na reverência dos filhos, nas placas comemorativas por essas terras de Minas. Nada disso justificava meu choro convulsivo no seu velório. Eu já não era tão jovem que me deixasse levar tanto pela comoção da morte. E já era madura suficiente para perceber que eu estava começando a me despedir de meu pai. Eles eram tão parecidos fisicamente, de idade tão próxima, eu sentia que meu pai não teria o privilégio de viver muito mais tempo, sendo que todos os outros irmãos haviam morrido da mesma maneira, coração, com aquela idade aproximada. Eram tão parecidos, Tio Lito e papai! A mesma facilidade de contar casos e prender uma audiência, a gente era capaz de escutar um mesmo caso uma infinidade de vezes e mesmo assim esperar com ansiedade pelo final e cair na gargalhada quando ele terminava. Meu pai era mais engraçado, mais vivo. Seus casos eram muitas vezes pessoais. Sua vida

tinha sido um mosaico de acontecimentos pitorescos, namoros desenxabidos, desafios políticos, esforços sobrehumanos de trabalho, explosões de temperamento, ternura infinita. Ao refazer essa lembrança, fico imaginando que, se meu pai era mais interessante para mim, não seria o Tio Lito assim para os primos? De qualquer maneira, meu choro pela morte desse tio era uma despedida daquele pedaço de mim que acabava ali, e uma antevisão do que eu teria de enfrentar quando chegasse a vez de me despedir do meu pai. Na maioria das vezes não sofro com antecedência e vejo a vida com otimismo, mas muitas vezes vivi em fantasia a morte de papai. Às vezes era trágico para mim, outras vezes eu me portava com muita dignidade; ora me desesperava e debruçava no caixão aos gritos, ora ficava firme e segura, e ajudava mamãe a ultrapassar aquele momento de dor. Acho que não foi nada disso. Ou talvez um pouco de tudo. Nesse momento, enquanto atravesso a Av. Olegário Maciel e me dirigo para casa, a única coisa de que me lembro é de sentir uma grande dor, dor doída, como se me tivessem arrancado um pedaço de mim. É como arrancar um dente siso: na hora não dói porque se está anestesiado; uma hora depois a dor começa. No dia seguinte se instala uma alveolite e aí nenhum comprimido abafa a dor. Muitos dias depois a inflamação cede, mas a gente não consegue deixar de passar a língua no local e sentir o buraco. O buraco pode até fechar, mas o espaço está lá, para sempre. O dente siso não nasce de novo.

Ainda dói aquela dor doída. E eu, que falo demais, não consigo explicar com palavras faladas. Ainda não consigo falar do meu pai, mesmo depois dessa ausência de três anos, sem interromper a fala a meio caminho. Acho que não consigo explicar com palavras escritas também.

Paro no sinal luminoso da Praça Raul Soares. Olho a fonte luminosa que não jorra água agora e que ao mesmo tempo jorra água na minha lembrança, e me vejo sentada num banco, a namorar, e de repente o vento bate pelo outro lado e uma chuva de água colorida nos alcança e saímos a correr, rindo. A turma está subindo do Cine Grátis e é hora de ir para casa,

pois a gente não se mistura com esse pessoal. Vamos procurar a prima que segura vela prá nós, mas que se diverte à sua maneira enquanto namoramos. O namoro é inocente mas, sem alguém para chaperonar, o que é que os outros vão pensar? Além do mais, Papai não ficaria em casa tranqüilo se a filha dele saísse sozinha com o namorado.

O sinal fica verde e eu sigo pela Avenida Amazonas. Lembro-me de repente das palavras tantas vezes ouvidas da boca de minha sogra: se eu ganhasse um tostão de cada vez que eu já passei aqui, já estaria rica! E dentro de mim a Av. Amazonas asfaltada pista livre se mistura à Av. Amazonas sem iluminação e sem calçamento, das enchentes da esquina de Francisco Sá, e do Ford 38 sem freio que meu pai dirige sem carteira de motorista assim que sobra um dinheirinho para comprar um carro. Mais uma lágrima mareja, que não chega a cair. Será que eu serei inteira outra vez algum dia? Se a cada dia eu perco mais um pedaço de mim, será que poderei sair pela vida catando esses pedaços? Ao mesmo tempo, como sou grande e completa, com tanto pedaço de vida dentro de mim! Meus filhos bebês, crianças, escolares, adolescentes, adultos, que profusão de imagens eu tenho! O Professor com sua barba branca e as palavras que ele repete agora na minha memória, tangendo uma corda do meu ser, sem saber que ecoa um sentimento meu, quando diz que queria tanto que eu me casasse com um filho seu! E Francisco? Não sei se tenho Francisco comigo ou se foi arrancado por inteiro. Acho que não. Tenho a imagem fugaz de um sorriso de olhos verdes e outra de um olhar sofrido, magoado. Mas tenho meu tio Lito com seus casos engraçados, e tantas vós e tias e tios, e os meus netos que não tardarão a vir. E meu pai, sim, meu pai, com um filho em cada joelho e os outros ao redor, a contar as estórias sem fim dos Grimm, de Andersen ou de suas próprias aventuras, e eu a sentir debaixo de meus dedos o carocinho em cima do seu dedo médio, a engolir uma outra lágrima. Eu sou pequena, mutilada, já perdi tantos pedaços do meu ser, e sou grande, infinita, rica, integrada. E o que existe de mim entra em casa e apaga a luz da garagem.